
EL ARTE PENINSULAR

De visita á unos amigos oficiales del batallón de cazadores núm. 1, destacado en Abrantes, pasé unos días en esa deliciosa ciudad, donde recibí demostraciones cautivantes de agrado, de las que guardaré recuerdo imperecedero. Refiriéndose á esa visita, escribió un periódico abrantino:

“No seu regresso a Barcelona o Dr. Ribera y Rovira veiu visitar a Abrantes desde antehontem os seus amigos dr. Paizana Moreira e capitão Mineiro que o conhecem desde a sua estada em Thomar.

Estes cavalheiros apresentaram-n'o no Club Abrantino e Sociedade João de Deus. N'esta ultima sociedade o distincto lusophilo, revelou os seus conhecimentos musicaes, fazendo-se ouvir ao piano com muito sentimento e fino gosto, cantando diversas canções catalãs e portuguezas, em seguida ao que a direção d'aquella sociedade lhe offereceu uma taça de champagne bem como aos assistentes, trocando-se nessa occasião varios brindes.

O dr. Ramiro Guedes brindou á Catalunha como nação briosa, conhecedora da sua missão historica e adornada por nobres aspirações.

O dr. Paizana Moreira, agradeceu-lhe, como portuguez que muito presa a sua patria, a amizade que tem dispensado a Portugal, cuja historia gloriosa o dr. Ribera estudou com interesse e admiração, e que alguns pontos de contacto apresenta com a da nobre e altiva Catalunha. Accentuou hem o valor da campanha emprehendida pelo dr. Rovira e que visa a approximar intellectualmente os dois povos.

O sr. Estrella brindou-se ás aspirações do povo catalão, conhecedor brioso dos seus direitos e luctando sempre pelo seu progresso.

O sr. Mineiro incitou o sympathico amigo de Portugal a promover as relações não só intellectuaes como commerciaes entre os dois paizes.

Depois o dr. Rovira respondeu a todos num brilhante improviso fazendo ver qual a sua missão em Portugal, procurando approximar Portugal e Catalunha no campo artistico, intellectual e talvez commercial; protestou contra a interpretação dada pela imprensa madrilena as suas conferencias e dizendo que vinha a Portugal fazer-lhe a justiça que merece, convidando os seus artistas ao grande certamen internacional barcelonez.

Frisou alem disto os diversos pontos de contacto na historia dos dois paizes, desde os nosos descobrimentos maritimos previstos pela Catalunha até ao papel precursor da Catalunha no nosso grande movimento politico de 1640.

Mostrou-se um grande apreciador dos nossos progressos intellectuaes e materiaes, brindando a Portugal. Na sua sahida foi muito cumpri

mentado por todos os socios presentes, que muito agradeceram a sua visita, recebendo tambem a direcção agradecimentos pela maneira gentil e obsequiosa como recebeu aquelle talentoso e sympathico amigo de Portugal,,.

Después del *lunch*, como quiera que estaba reunida la dirección de la Sociedad João de Deus, deliberaron invitarme á realizar una conferencia en la misma que debería celebrarse por la noche del siguiente día. Accedí al amable pedido y escogí por tema: *El arte peninsular. Estudio comparativo de las manifestaciones artísticas de los pueblos hispanos.*

Así resumió el discurso el corresponsal abrantino P. M. del diario lisboeta *Diario de Noticias*:

“Este grande amigo de Portugal, ao retirar-se para Hespanha, visitou Abrantes, a convite dos seus velhos amigos, srs. capitão de caçadores 1, Mineiro de Almeida e tenente-medico Paysana Moreira.

Sabendo as pessoas mais gradas da terra da visita do dr. Ribera y Rovira, organisaram varies festejos e excursões pelos arredores, ficando s. ex.^a encantado com os soberbos panoramas que desde Abrantes se disfrutam e admirado da riqueza agricola da região abrantina.

No quartel de caçadores 1 foi cumprimentado por toda a officialidade do batalhão, visitando as dependencias do quartel acompanhado de grande numero officiaes.

No día 12 á noite visitou o Club e a Sociedade

João de Deus, onde se improvisou um concerto musical, dando o dr. Ribera y Rovira a conhecer trechos formosíssimos de musica popular e erudita da península, fazendo um estudo elucidativo das variantes melódicas do cancionero das diversas regiões hispanicas. O sarau musical foi muito celebrado pela selecta roda de amigos convidados, sendo, depois d'esta festa intima, offerecida ao dr. Ribera y Rovira uma taça de champagne, brindando n'esta occasião varios amigos do distincto lusophilo, entre os quaes o dr. Ramiro Guedes, capitão Mineiro, tenente Paysana e tenente Penalva, e fazendo votos pela prosperidade e feliz realisação dos ideaes de fraternidade entre a Hespanha e Portugal.

A pedido da direcção da Sociedade João de Deus, o dr. Ribera y Rovira realisou uma conferencia na séde d'aquella prestimosa associação, pelas 9 horas da noite, accudindo áquelle acto um publico numeroso e distinctissimo ávido de ouvir a prelecção do illustre lente da Universidade Catalã, e professor de lingua, historia e litteratura portuguezas nos Estudos Universitarios Catalães. O sr. dr. Ramiro Guedes apresentou o conferente n'um bello improviso, frisando os pontos mais importantes da sua campanha incessante e patriotica em favor de Portugal, realisada por um amigo d'este paiz que já mereceu a designação de cidadão portuguez, bem merecida n'um tão devotado lusophilo.

O sr. dr. Ramiro Guedes ainda enumerou os trabalhos litterarios de s. ex.^a, todos elles dedicados a Portugal, affirmando quanto se honrava a Sociedade João de Deus em albergar um

tão grande admirador da obra do grande lyrico do "Campo de Flôres",—algumas de cujas obras traduziu em catalão - e que tantas provas tem dado de amor a Portugal. Concedida a palavra ao illustre conferente, este dirigiu-se aos ouvintes, saudando o povo de Abrantes em correcto portuguez, dando a impressão que sentira na sua visita á nossa villa e enaltecendo ás altas qualidades hospitaleiras da população abrantina. Disse que não esperassem manifestações politicas porque s. ex.^a não faz politica alguma, trabalha só pelo engrandecimento e prestigio do seu paiz, tornando-o justamente apreciado no estrangeiro.

O dr. Ribera y Rovira subordinou o thema da sua bellissima conferencia á epigraphe "A arte peninsular.—Estudo comparativo das manifestações artisticas dos povos hispanicos".— Escolhi este thema, disse o illustre conferente, para levantar o juizo que geralmente teem os portuguezes da Hespanha, julgando-a um paiz atrazado e pobre quando é uma das nações com maior riqueza artistica do mundo. Em parte alguma como na Hespanha, disfructa mais o espirito observador do touriste; as diversidades regionaes dão á Hespanha uma feição peculiar e amena que contrasta com a feição caracteristica das terras fronteiriças pelas quaes mal pode fazer-se idéa da nossa nação e que infelizmente são as unicas conhecidas dos portuguezes.

E' preciso que as excursões sigam mais além do que a Madrid, Salamanca, Vigo e Sevilha; os portuguezes, para avaliarem integralmente a formosura do paiz hespanhol, devem dedicar uma certa preferencia em visitar a periferia, em visitar as regiões cantabricas e mediterranea-

neas, nas quaes está manifestada intensivamente a vida hespanhola. N'esta altura da conferencia, o sr. dr. Ribera y Rovira fez um estudo da Galliza, das Asturias e com maior predilecção das Vascongadas, de cujo povo contou curiosissimos factos, frisando o grau de cultura em que se encontra.

Referiu-se aos povos castelhanos, indicando os seus traços característicos, a sua propensão para a agricultura e as vicissitudes porque teem passado com a invasão de tão diversos povos, mas todos deixaram vestigios da sua cultura, o que faz com que a região central hespanhola, junta com a Andaluzia, seja agradabilissima, variada e pittoresca.

Quando o sr. dr. Ribera y Rovira se referiu á Catalunha, demonstrou quanto amor nutre o insigne catalão pela sua terra nativa. Com palavras quentes e patrioticas, fez um esboço historico d'aquella região mediterranea, apresentando-a como um todo homogeneo. como uma formosissima entidade moral que é o orgulho e a gloria da nobre nação hespanhola

Referiu-se ás manifestações da sua vida nacional, á lingua—da qual fez um detido estudo comparativo, recitando poesias catalãs com a traducção portugueza—falou com alta proficiencia na legislação foral e com especial interesse na peculiar ethnogenia, apresentando o povo catalão perfeitamente caracterizado, trabalhador incançavel, iniciador e cioso das suas prerogativas. Referiu-se ainda á arte catalã nas suas variadas manifestações e enumerou algumas instituições regionaes como o "some-tent", ou milicia popular, do qual fez grandes elogios.

Representando a musica a parte diversificadora e mais caracteristica da vida dos povos, o sr. dr. Ribera y Rovira quiz dar a conhecer o culto que na Hespanha se dá á musica e a diversidade regional que esta apresenta, deleitando os ouvintes com alguns cantos populares dos differentes povos hespanhoes, apreciando devidamente os ouvintes as características “gallegadas”, as “mugiras”, os “zortzicos”, as “malagueñas”, as “peteneras”, as “soleaes”, sendo apreciadissimas as canções populares da Catalunha e particularmente as typicas “sardanas”, o baile popular d’aquella formosa região mediterranea.

Findou a notavel conferencia com umas palavras de agradecimento aos portuguezes que commovidamente proferiu o sr. dr. Ribera y Rovira, dizendo que levava a sua terra a maior prova de affecto e fraternidade que tinha recebido na sua vida. Grandes applausos coroaram o seu magnifico discurso.

O sr. dr. Ramiro Guedes agradeceu ao nosso illustre hespede a sua gentileza e amabilidade em nome da Sociedade João de Deus e do povo de Abrantes, acclamando o sr. dr. Ribera y Rovira socio honorario d’aquella culta aggre-miação.

A direcção da Sociedade João de Deus vae enviar ao dr. Ribera, para Barcelona, o diploma de socio honorario, sendo d’esperar que o distincto homem de lettras honre a bibliotheca da sociedade com um exemplar de cada uma das suas obras.

O sr. dr. Ribera y Rovira retirou ás 11 horas da noite para a estação do caminho de ferro, sendo acompanhado até ali pelos srs. José de

Souza Carvalho, alferes Penalva, José Mendes Ribeiro, e João Marques Pinto, representando a Sociedade João de Deus e pelos srs. dr. Paisana, capitão Mineiro, e Aurelio Netto, redactor d'*O Abrantes*".

ALTAS PALABRAS

Una plácida tarde de Marzo, cuando ya es primavera en aquel luminoso mediodía de Lusitania y florecen las tilias, se perfuman las «olaias» y se visten de alegría y de colores las anchas avenidas de la sultana de Occidente, la arrulladora ciudad de los mármoles, Lisboa, subía yo con los discípulos predilectos del maestro, la íngreme cuesta de los jardines de Estrella, camino á la escondida Travessa de Santa Gertrudis, donde Teófilo Braga tiene su modesta y apacible morada.

Eran mis acompañantes Antonio Cabreira, notabilísimo matemático y publicista; Silva Reigoso, estudioso profesor; Julio Borges, una ruidosa mocedad y un claro ingenio; Prazeres da Costa y Dagoberto Guedes, periodistas de pulso. Eran los predilectos del maestro, los promotores del homenaje del quincuagésimo aniversario de su infati-

gable y provechosa labor intelectual; aquellos que siguen sus pasos con respeto, oyen sus palabras con devoción, jóvenes y animosos sacerdotes de un tan egregio culto.

Teófilo Braga nos recibió con los brazos abiertos y en ellos estrechó efusivamente al huesped que ya se sentía discípulo. Sentóme á su lado y me pidió le hablara de Cataluña, esta hermana lejana que él presentía en su idealidad y política, tan cercana al pueblo portugués para realizar juntos el inicio del sueño latino.

—Los catalanes tenemos una alta misión á cumplir, maestro. Herederos de la civilización mediterránea, raza donde se alberga un santo patriotismo, ante la descomposición de los Estados no nacionales, nosotros afirmamos la razón de nuestra existencia como pueblo libre y recogemos la doctrina, que ha de triunfar, del renacimiento de las nacionalidades. Donde haya un individualismo, que renazca; donde una tradición nacional exista, que de élla irradien con vida nueva las condiciones de un Estado.

Cataluña sigue hoy un camino reparador de la injusticia ibérica; intenta restablecer el equilibrio peninsular con la afirmación de su autonomía. Después, cuando la Iberia resurja modelada en justicia y las tres políticas hispanas puedan desarrollarse libremente, cuando Portugal, rehecho y seguro de su organización interna, pueda reanudar

la política imperial africana, y Castilla, refundida en núcleos inspirados en el amortecido ideal castellano, rejuvenecida con la savia poderosa de los pueblos eúskaros, retome su en mal hora deshechada política imperial marroquí, y Cataluña, señora de sí misma, heredera del ideal mediterráneo, emprenda su política imperial latina, alborará la era de paz y de grandeza que presienten en su patriotismo los espíritus escogidos, y la raza latina impondrá la disciplina directora de su idealidad á la vieja Europa.

— Admirable ideal y generosa empresa — replicó el sabio. — En la magna acometida, será Portugal el cooperador eficaz, con ayuda espiritual y adhesión sincera. Si esa finalidad hubiera informado en todo tiempo la política hispana, si se hubiera mantenido siempre la lógica unidad sobre una necesaria y sabia diversidad nacional. la Iberia augusta hubiera dictado leyes de paz y de progreso al mundo. Este pueblo lusitano, tan exíguo en número como grande en patriotismo, ha desviado su camino histórico con la lucha constante contra la opresión extranjera, contra la amenaza castellana..... Sigamos su Historia heróica: la amenaza detiene su acción conquistadora, la lucha distrae sus energías, esterilizando la obra imperial de los reyes conquistadores. Envidias dinásticas, guerras sangrientas por capricho de un rey... siempre el deseo tiránico de borrar

una patria, siempre el ansia salvadora de mantener el autonomismo nacional, elevándose opresor un Estado que iba matando la vida de las naciones hispanas, manteniendo el formidable equívoco—origen de eterna discordia—de la unión uniformista ibérica.

Toda la historia de la Iberia, en sus conflictos internos, consiste en la lucha separatista entre las diversas nacionalidades hispanas y en el esfuerzo brutal de incorporarlas bajo una unificación monárquica.

La formación de una pequeña nacionalidad en el siglo XII, dando inicio á la autonomía de otros Estados peninsulares y resistiendo siempre á la incorporación en la unidad leonesa, navarra ó castellana, y aún á través de todos los accidentes de la política internacional de Europa, conservando sin alarde su independencia, he aquí el problema importante del cual deriva toda la comprensión de la historia de Portugal. La situación de esta nacionalidad sobre la orla marítima de la península hispánica, nos lleva también á considerar la condición mesológica que atrajo á los portugueses hacia las exploraciones atlánticas y hacia la empresa de la circunnavegación del mundo.

Es esta nueva y extraordinaria iniciativa de la actividad de la civilización moderna, que torna Portugal uno de los más importantes factores de la marcha de la Humanidad; y su historia, lejos de ser una mono-

grafía erudita de un pueblo emplazado entre otros, adquiere el valor de uno de los bellos capítulos de la historia universal, que jamás podrá ser olvidado. Si Portugal, por sus descubrimientos geográficos y colonización en el Africa, en los archipiélagos de Madeira, Açores y Cabo Verde, en la India y América contrabalanceaba su exigüidad territorial, elevándose de simple *apéndice de España* á una poderosa potencia apoyada en los mares, era por esta necesidad forzado á una exagerada expansión del limitado número de sus habitantes, que enflaqueciendo la vida local ó regional heriría intimamente el organismo de la reciente nacionalidad. Esa exigüidad numérica no escapó á la observación del uniformismo ambicioso de los castellanos:

Portugueses, pocos— y aún locos.

Los portugueses, desde principios del siglo xv hasta la colonización del Brasil, la más basta y más perfecta colonia de todas las naciones de Europa, derramáronse por el mundo, pero no se enflaquecieron. Es al alborear del siglo xv que se manifiesta el sentimiento de una patria portuguesa, unión afectiva de los espíritus á través de las distancias y que teniendo por objetivo el territorio donde se pasaron los años felices de la vida de familia, se vuelve el más poderoso

incentivo de la actividad individual heroica y altruista. El sentimiento de Patria fué el eje de nuestra cohesión nacional; mientras este sentimiento se propagó, fuimos fuertes y grandes. Los hombres de Plutarco no cedieron á los navegadores y guerreros portugueses; debemos á ese sentimiento las más bellas manifestaciones del Arte y de la Literatura con que entramos con digno prestigio en el gran certamen estético, científico y filosófico del Renacimiento. Sólo cuando ese sentimiento de Patria fué atrofiado por un régimen intelectual y moral absolutista, Portugal cayó en la incorporación de la unidad castellana bajo el yugo de la Casa de Austria, y la nobleza se vendió á Felipe II, con el intento de dar fuerza al poderoso sustentáculo de la unidad católica.

La Patria portuguesa es la constitución afectiva que espontáneamente estableció la concordia mútua de un pueblo y lo elevó por un natural *consensus* hasta llegar á las formas superiores de la organización nacional. Importa disecar esas fibras simpáticas; encuéntranse en los elementos antropológicos acentuados en los caracteres étnicos de las *razas*; en las modificaciones impuestas por la acción mesológica del clima y del territorio, determinando las formas de la agregación social ó las *instituciones*; manifiéstanse psicológicamente en el automatismo de las *tradiciones nacionales*, en que la

consagración del pasado aclara y disciplina las aspiraciones de un vago futuro.

Es fecundísimo un tal estudio. Amadeo Thierry formuló: «los acontecimientos de la vida de los pueblos son muchas veces un enigma, cuya solución, olvidada por los hijos, no se descubre sino en la cuna de los padres». Cuando el proverbio castellano llamaba á los portugueses *locos*, aludía implícitamente á la credulidad ingenua con que, llevados por las antiguas tradiciones de las *Ilhas encantadas* y del *Reino do Preste João*, esos *locos* emprendieron las grandes exploraciones terrestres y marítimas que revelaron el globo á la humanidad. Y esas tradiciones que se manifestaban como un modo de sentir especial de la raza, merced al impulso del sentimiento, determinaron los modos superiores de la acción de las individualidades.

Estudiando la cuna de nuestros antepasados y sus primitivas apercepciones, conseguimos penetrar en la constitución espontánea de la Patria portuguesa, que llegó á su pleno desenvolvimiento y superior destino desde que se tornó un impulso continuo de la Humanidad. Comte, exponiendo cómo la sociabilidad romana se elevó de la Familia á la institución de una Patria, «preludio necesario y sustentáculo continuo de la Humanidad», explica ese grandioso fenómeno por el acuerdo de las tres existencias coexisten-

tes en nuestro ser: «La institución de Patria, hasta entonces incompleta, resultó de una feliz combinación entre el sentimiento y la actividad, según una conveniente extensión de la inteligencia».

En la vida histórica de la nacionalidad portuguesa refléjase un poco esta armonía de la patria romana. El sentimiento que provocó la expansión de la actividad y de la convergencia social, no embarazó la energía especulativa de la inteligencia; en el siglo en que los navegadores portugueses asombraban Europa, los humanistas portugueses ocupaban también los primeros lugares en las Universidades de París, Bolonia, Salamanca y Souvain, y los espíritus superiores que más actuaron en el siglo xvi, como Rabelais, Montaigne, Ignacio de Loyola y Calvino, debieron á los pedagogos portugueses su dirección mental. La Patria portuguesa asumió su verdadera y espléndida plenitud; dió el máximo relieve á la acción individual que, subordinada al afecto de un suelo querido, hallóse sirviendo inconscientemente al progreso humano.

Para conseguir y ver realizado su ideal nacional y aún en su actividad separatista y autonómica, el pueblo portugués tuvo que resistir persistentemente á la política de unificación castellana. Hecho común en todas las individualidades nacionales ibéricas. Los primitivos pueblos que habitaron la Hispa-

nia anteriormente á la conquista romana, obedecieron también á esa tendencia separatista y cantonal, impuesta por los relieves orográficos; de ahí la imposibilidad de defenderse contra la invasión de los celtas y la facilidad en formar esa fusión llamada de los celtíberos que por su turno, llegaron á formar diversas federaciones análogas á las federaciones italiotas y gáulicas. Las duplas tendencias *separatista* y *unificadora*, son los puntos de oscilación de la vida histórica de los pueblos peninsulares; conforme las razas que ocuparon este suelo, así esas tendencias prevalecieron más ó menos exclusivamente y de un modo empírico. Si la sangre semita prevalecía por la ocupación de los fenicios, de los cartagineses, de los judíos y de los árabes, preponderaba la tendencia separatista; si la disciplina de los romanos predominaba, ora por la centralización administrativa, ora por la unificación moral y dogmática del catolicismo, así los diversos Estados eran sometidos á la dependencia de uno solo, sin que esa aparente unidad política apagase las diferencias dialectales y costumbres locales que estaban constantemente proclamando la íntima disidencia.

La historia de Portugal depende completamente de esta circunstancia; el condado portucalense elevóse á Estado autónomo no sólo por las condiciones mesológicas de su

frontera marítima, que le suministraban un estímulo de actividad y de independencia económica, sino sobre todo por la acción refleja de esa agitación de otros Estados igualmente pequeños que se proclamaban libres, como cuando la muerte de Alfonso VI de Castilla, con la cual se rompieron los vínculos artificiales de la unificación política que maniataban ya á buen número de Estados. Por otro lado, la pérdida de la nacionalidad portuguesa en 1580, incorporada por Felipe II á la unidad castellana, fué la consecuencia de una política de absorción de que los propios monarcas portugueses fueron instrumentos egoistas, tales como Alfonso V, Juan II y Manuel I, que pensaron obtener por medio de casamientos reales la fusión de Portugal y España bajo un cetro único. Aquí la fuerza de las circunstancias ha sido más poderosa que las ambiciones absurdas de los individuos; la autonomía de Portugal subsiste, á través de las terribles calamidades que en Europa han levantado grandes Estados como Austria, Prusia y Rusia, destruyendo otros como Irlanda, Escocia, Polonia y aun Italia y Grecia antes de sus modernos renacimientos.

Después de la formación de la nacionalidad portuguesa, el hecho de su persistencia es un problema de primer orden para el historiador; en él se encierran indicaciones vitales para el futuro de los pueblos penin-

sulares, tantos siglos hostiles entre sí por odios perpetuados en beneficio de dinastías egoistas. Es de la persistencia de las causas mesológicas que los espíritus superiores comienzan á deducir las formas de la organización política de la Península hispana; la forma natural, racional y por esto definitiva, es la de una federación voluntaria, ya presentida por algunos espíritus lúcidos como Charrière, Enrique Nogueira, Pí y Margall y otros, forma que justifican sus admirables doctrinas iberistas, tendientes á remodelar la Iberia bajo la justa base del reconocimiento de las tres imperescibles autonomías nacionales: la galaico-portuguesa, la castellana y la catalana.

Ideal soberbio y generoso al cual deberíamos todos tender en una aspiración fraterna y de progreso humano.

Así hablaba el maestro, y todos escuchábamos su palabra austera, con absoluta adhesión de espíritu. Y yo sentía dentro mi alma triunfar la verdad de la existencia nacional de Cataluña. El bosquejo histórico que hizo el sabio de la razón de la Patria portuguesa, idénticas doctrinas afirmaban la razón de la Patria catalana.

También el pueblo catalán ha manifestado siempre su sentimiento patrio; y las tendencias separatistas de las poblaciones ibéricas, raza indígena primitiva de Cataluña, se han

revelado siempre en el decurso de la Historia, combatiendo tenazmente contra los invasores, manteniendo vívido el espíritu nacional nunca desnaturalizado. Pero si Cataluña ha propugnado siempre por su autonomía, resistiendo á los deseos de unificación de los invasores, no por esto ha desdenado apropiarse del caudal inmenso de cultura que le difundían las allegadas y más esplendentes civilizaciones invasoras, viviendo siempre el pueblo catalán más como aliado que como sometido.

Los caracteres de territorio, raza y lengua y la secular tendencia á mantener la nacional individualidad, resistiendo á la opresión extranjera, informan la historia de Cataluña y son el proceso histórico por donde ha discurrido la vida autónoma de este pueblo.

.....
Teñían el horizonte las suavidades del crepúsculo, cuando Teófilo Braga nos despidió. Lleno el corazón de un santo entusiasmo patriótico, bajamos la cuesta silenciosos, contemplamos abstraídos la belleza de aquel cielo que enamoró á Sargent y que despedía la tarde con raudales de luz coloreante, reposamos la vista absorta en los encendidos jardines de Estrella, vibrando con claridades de holocausto, y entramos en la confusión rumorosa de la ciudad, con la mente límpida y el alma purificada.

RESEÑA DE UN VIAJE A PORTUGAL

De regreso á mi querida tierra, desde la tribuna del Ateneo Barcelonés, resumí en una conferencia las gestiones realizadas por mí en Portugal en cumplimiento del encargo de delegado oficial de la Comisión Ejecutiva de la V Exposición Internacional de Arte. La mencionada conferencia, realizada el 18 de Junio de 1907, fué reseñada así por el semanario nacionalista *Patria Lliure*:

“Tots recordém la infamíssima campanya que la premsa enemiga de Catalunya feu contra En Ribera y Rovira, y l'expressió de l'odi dels enemichs li provenía de la glorificació que en terres portugueses, feu de la nostra estimada terra.

Pera desfer aquelles calumnioses informacions, nostre volgut company doná una conferencia pública, restablint la veritat dels fets.

Devant una escullida y nombrosa concurrencia En Ribera y Rovira comensá el seu parlament. Digué que aquella venía a ésser la de-

rrera lliçó del present curs de la càtedra de Historia y Literatura portugueses dels E. U. C. Seguidament comensá la conferencia que extractarèm en síntesi.

En Ribera y Rovira anà a Portugal porque Barcelona pogués acoblar les obres dels més eminents artistes lusitans en una primera exposició espanyola del art portuguès contemporani.

Veyent que les gestions oficials, diplomàtiques y consulars no donaven profit y cap artista se adhería al certàmen artístich berceloní, la Comissió Executiva de la V Exposició Internacional, el comisionà pera conseguir la remesa de les obres dels portugueses.

Coneguts els trevalls de lusofilia realisats de anys ha pèl lusófil català, ningú com en Ribera y Rovira podía desempenyar més airosament la comanda que li feu Barcelona, car a Portugal es volgudíssim y justament admirat per sa patriòtica obra de germanor que tant ha acostat als dos pobles extrems de la Iberia.

De Barcelona s'en emportà cartes de presentacio pera l'embaixador d'Espanya a Lisboa, pera el ministre d'Estat y pera el de Belles Arts y Obres Públiques de Portugal. Aquestes cartes va retornarles porque no tingué ocasió de tenirles d'utilisar pera res, fent particularment ab èxit les gestions pera conseguir l'adhessió dels artistes lusitans.

A l'arribar a Lisboa, com a deber de tot ciutadà espanyol que's trova al estranger, En Ribera y Rovira's presentá a la Embaixada del seu país, hont no hi trovà (malgrat y anarhi en hores de despatx) altre individu que el porter.

D'amagat, procurant que no's descobrís la

seva estada a Lisboa, per por dels entrebanchs del element oficial espanyol que ja havia destorbat al Japó les gestions del delegat de la V Exposició Internacional prop dels artistes japonesos, En Ribera y Rovira conseguí ab porfiats treballs y mercès de l'amistat que l'uneix ab els més insignes artistes lusitans, l'adhessió de aquets, brillant y sincera. Però l'incògnit no perdurà, y'l director de la revista *Nossa Patria*, escampà per la prempsa la nova de la seva arribada, oferintli un àpat la redacció de la publicació esmentada.

Fou allavors que la direcció del Reial Institut li va demanar una conferencia que realisà el dia de Sant Joseph a la vetlla y que constituí un triomf grandíós pera Catalunya. Presidí aquesta conferencia el sabi Dr. Theophilo Braga, qui commogudament, entre aclamacions a Catalunya de la nombrosíssima assamblea formada per tot quant de millor te Lisboa en lletres, arts y ciencies, nomenà a n'En Ribera y Rovira Ciutadà Portuguès.

Fou tema de aquesta primera conferencia "Educació política dels pobles peninsulars". La teoria de les tres nacionalitats hispanes divulgada en llibres y periòdichs per En Ribera y Rovira que n'es un entusiástich propugnador y iniciador, meresqué la injusta invectiva dels patrioters madrilenys. Els conceptes sobre la nacionalitat hispana occitànica, foren perversament interpretats pels rotatíus castellans.

Quan digué que Portugal y Galicia formaven una entitat nacional ab identitat moral, ètnica y filològica, els patrioters ressenyaren que En Ribera y Rovira incitá als portuguesos a la conquesta del territori gallech (!!)

Parlant del problema polítich català, va referirse ab detenció a l'obra dissolvent dels enemics de la nostra terra, y a prech dels republicans, invectivà la missió d'En Lerroux a Barcelona qui ha portat una fonda pertorbació a la nostra ciutat, essent un ferm defensor de les doctrines centralistes y unionistes, tant convicte, que no sols a Espanya ha escampat els principis de la seva política centralisadora, sinó que fins al voler tractar, ben inconscientment per cert, dels problemes peninsulars, feu als portuguesos l'agravi d'advocar per l'unió ibèrica.

Tractant del problema anarquista, afirmà que a Barcelona en concret pot dirse que no hi ha anarquistes d'acció, que ho son doctrinaris, car els derrers nombrosos atentats no son obra dels llibertaris. "Un poble com el català tan serè y tan individualista, no arriba a fer anarquistes d'acció. Y en la consciencia del poble català, s'hi arrela la convicció de que les bombes foren infams ardots dels enemics de Catalunya pera axafar el moviment autonomista." Aquestes afirmacions, y consti ben alt, meresqueren protesta dels *chauvinistes* espanyols que's rebelaren contra d'elles esforsantse en demostrar que a Barcelona hi havia una nombrosa població llibertaria, afirmant algú que hi havien més de 30 mil anarquistes (!).

Acabada la conferencia al Reial Institut, el general Schiappa Monteiro, seu president, imposá a n'En Ribera y Rovira el títul honrosíssim, per primera vegada conferit a un extranger de Soci y Professor honorari de la cultíssima entitat. Nomenantse tot seguit la direcció del Comité Catalanòfil que tant contribuirà a es-

trenyer les relacions de fraternitat entre Portugal y Catalunya.

Heusaquí el per què de la campanya injuriosa dels patrioters espanyols. L'acte de glorificació de Catalunya a l'estranger, representa pels *chauvinistes* un crim de lesa patria.

En la Reial Societat de Geografia de Lisboa, En Ribera y Rovira hi doná la segona conferencia subordinada al tema "Noves orientacions polítiques y econòmiques entre'ls pobles peninsulars" y consistí en un complert estudi de la cultura hispana, complaventse en l'elogi de Catalunya y del seu moviment reivindicador, el seu progrés y la seva riquesa. Al dedicar a les dones peninsulars un homenatge, anomenà les virtuts y qualitats dels tres tipos característichs de dones hispàniques: catalanes, castellanes y portugueses.

Y de les castellanes digué:

"Contemplae, por outra, a mulher castelhana que, comquanto seja no lar cuidadora e trabalhadora, vel-a-heis adoravelmente graciosa, elegante, risonha, como se a vida fosse para ella una senda florida, dando un culto excelso á alegria, communicativa e affavel, brilhando com ares de rainha, na *soirée*, no pic-nic, nas touradas."

El govern espanyol incitat per la prempsa chauvinista demaná al Arcalde de Barcelona la destitució del comissari català delegat a Portugal y el batlle s'hi negà exposant al governador les rahons que li assistien pera obrar aixís. El govern anava tant desorientat, que fins ignorava la nacionalitat d'un advocat espanyol: deya que'n Ribera y Rovira era portugués. El èxit verament grandió que tant aixecà el pres-

tigi de Catalunya a Portugal, alcansat per nostre company ab la segona conferencia, exacervà als tradicionals enemichs nostres, que promogueren la més ominosa campanya. Mentrestant En Ribera y Rovira era objecte de grans manifestacions d'apreci; s'organisaven en honor seu banquets, recepcions, soirées, excursions, glorificantse sempre a Catalunya.

Desitjant entregar al rey D. Carles I el missatge en el qual se'l convidava a adherir com artista a la V Exposició Internacional, honrant axís Barcelona, En Ribera y Rovira fou afectuosament rebut pèls sobirans portuguesos ab simpatía, dedicantli paraules agradoses pera Barcelona. L'endemà de la entrevista regia, el secretari del rey li ofería un apat, y seguidament artistes y literats organisaren festes hont sempre hi vibrà la nota patriòtica de germanor luso catalana.

Quan se va enterar de la campanya que la premsa rotativa espanyola li feya, En Ribera y Rovira anà a protestarne a l'Embaixada. Però com sempre l'Embaixada deserta. A totes les conferencies hi invità al embaixador y agregats a la embaixada, ananthi personalment y sempre va trovar com a unich representant de Espanya, el porter.

Y és llástima que a Lisboa Espanya no hi envii un diplomàtich de talla, un conegut amich de Portugal, com fóren Alcalá Galiano y don Joan Valera, que deixaren bon recort. Avuy a Portugal s'hi envía gent sense cap prestigi y simpatía que pera res s'interessen en afavorir les amistoses relacions entre espanyols y lusitans, força distanciats efectivament.

En aquelles enutjoses oportunitats, la premp-

sa y les autoritats portugueses varen defensar-lo sincerament, desfent l'atmósfera creada pèls rotatius madrilenys.

Contà tot seguit, curioses anècdotas que distraguerren molt als oyents y ressenyá la tercera conferencia pública que realisà a Abrantes en la "Societat Literaria João de Deus." Va esmentar les atencions de que'l feren objecte els oficials de Caçadors I y el poble abrantí, fent un calurós elogi del patriotisme y de la cultura del exércit portuguès que dona un nombrós contingent al professorat oficial. Y com a fet de intens afecte a Catalunya esmentà l'entusiasme ab que fou victorejat per paisans y militars, acabada la conferencia, l'himne nacional de Catalunya *Els Segadors*.

Explicà pintorescament l'arribada a Madrit y les visites que feu a n'en Maura y a n'en La Cierva. Aquest celebrà ab En Ribera y Rovira una llarga conferencia, desagraviantlo per la campanya dels rotatius y oferintli la seva defensa al parlament y a la premsa si may resuscitava aquesta qüestió enutjosa. En La Cierva digué que al retornar a Catalunya En Ribera y Rovira digués als seus conciutadans quant el govern admirava aquesta terra y que tant debò que totes les regions espanyoles seguissin el seu exemple.

"Però jo, afegí En Ribera y Rovira, continuo ab el meu escepticisme. Les bones paraules no m'afalaguen, no crech en aqueixa amistat. Si demanèm no'm treurèm res: hèm d'exigir, y si no podèm exigir, tornèm sen a casa y sofrím les conseqüencies de la nostra feblesa. Creyèm no més en nosaltres. May desfarèm l'hostilitat ab que'ns judiquen més enllá de les fites de Ca-

talunya. No modificarem la opinió en que'ns té el poble espanyol: el poble espanyol no té criteri propi: pateix l'obsessió de la credulitat *jingoista* dels rotatius. Vaig parlar ab gent del poble: tenen una inconmovible indiferencia, un mal amagat despit. Vaig parlar ab militars que creyen en la seguretat d'una guerra. El poble castellà, la raça castellana, cristallisant en els homens de govern, en l'engrnatje burocrátich, té per característiques el esperit tirànich y opressor contra el qual ens hem sempre revoltat catalans y portugueses. En Guerra Junqueiro, el vident, el lluminós poeta m'ho deya un día: si fos possible juntar les gents de les dues races, catalans y castellans durant un convivi de segles, administrantlos la meteixa instrucció, infiltrantlos idèntica educació política y social, després de segles encare veuríem manifestades les diferencies, els antagonismes ètnichs.

“Ab la difusió dels nostres ideals, portarem una pertorbació a Espanya perque el poble no'ns secundarà, però entenem que a Espanya may ha governat el poble. Si no fós axís ja s'haurien revoltat els míseros habitants de les Castelles, hont el contrast es més flagrant.” No'ns fiem de ningú: portem sols fé en nosaltres meteixos. M'enfaden aquets discursos melosos y poruchs, massa palacians d'alguns diputats. Parlèm clar y fort. Els debats parlamentaris son ingloriosos. Paraules y paraules... després resumirá en Maura y quedarèm com avans.

“Dediquèmse a catalanisar encare més Catalunya. Avuy encare no estém prou aptes pera exercir l'autonomía. Un poble que encare reb en Lerroux en triomf, necessita molta educació

cívica pera ferse digne de l'exercici de la seva sobirania."

Passà En Ribera y Rovira a ressenyar el famós motí de cigarreres que a Madrit volíen ferli una manifestació d'hostilitat, sa arribada a Barcelona y el conflicte de Belles Arts per haver dit *nació catalana*. Cosa que are han repetit a dojo els diputats solidaris sense que ningú s'en escandalitzés.

Dedicà grans elogis a la cultura portuguesa y feu un estudi crítich del estat polítich actual pera orientar la nostra opinió respecte dels problemes que s'estàn debatint a Portugal.

Com a resultat pràctich immediat de la campanya de germanor portada a cap entre catalans y portuguesos per En Ribera y Rovira, va indicarnos la probabilitat que hi ha d'establir a Lisboa y a Barcelona cases comercials pera el expandiment dels nostres productes manufacturats y dels productes colonials portuguesos, fent que la diputació catalana a les Corts espanyoles s'interessi pera beneficiar les relacions econòmiques entre abdos pobles quan l'any vinent se tracti de discutir el vigent tractat de comerç.

Y finalment trasmeté el patriótich prech que li feren els portuguesos de conseguir l'anada a Portugal de l'Orfeó Català.

L'ameníssima conferencia de nostre benvolgut company, fou sorollosament aplaudida.

FALSA PLENITUD

Poco tiempo después de mi regreso de Portugal, invitado por el comité de propaganda del Ateneo Catalanista de Gracia á manifestar en una conferencia pública mi opinión sobre el estado en que hallé el movimiento social catalán, expresé mi juicio en los conceptos que siguen:

Ya es hora de que una voz sincera hable claro y alto destruyendo una leyenda, derribando falsos ídolos y descubriendo la Verdad que el más puro patriotismo y la más sagrada noción de la propia dignidad exigen que brille en su fuerte y hermosa desnudez, arrancándola las vestes con que solapadamente la disfrazan algunos egoístas.

Y lo ha sido siempre sincera mi voz y nunca ha abandonado mis actos el más acendrado patriotismo.

Vivimos en contradicción con la Verdad, estamos en flagrante oposición con la realidad; tenemos ímpetus de visionario, entusiasmos

de histérico, somos embaucadores y engañados. Aquel primitivo carácter austero, tan honrado, tan igualador, que informó las primeras campañas catalanistas, ha devenido en ridículo espíritu petulante, tartarinesco. La excelsitud de nuestras virtudes públicas—resultante de un estado de conciencia colectiva—la superioridad tan decantada, nos han desvanecido, y lo peor del caso: nos han vuelto injustos y exagerados.

Hagamos serenamente un exámen de conciencia nacional y con aquella ruda franqueza que es apanagio soberbio de nuestra raza, confesemos nuestra actualidad, sin desdoro á reconocerla modesta.

Pasados en el extranjero los mejores años de mi juventud, conservando ardiente en mi alma un excelso culto á la patria querida—sentimiento purísimo que no ha nacido de un convencionalismo utilitario, de halagos ó prebendas—depararon mis ojos la realidad apenas la calma se enseñoreó de mí, pasados los entusiasmos conmovedores del regreso.

Y ví el contraste, reconocí la injusticia y me lastimó la inícuca labor de engaños que tal vez por obra de todos surge del renacimiento catalán. Creyendo nuestra vida nacional más modesta, la reconocía más humana, séria y victoriosa; ví los maestros olvidados y erigidos los discípulos en maestros; hallé nuestra gente más teorizante que práctica.

Seguramente la acción política de estos últimos años se ha precipitado; no existe lógica ponderación entre la potencialidad del ideal catalán y los actos resultantes de la actividad de la misma. Cataluña necesitaba permanecer más tiempo en potencia, completando su movi-

miento cultural—hoy tan deficiente—perfeccionando su arte política—hoy tan infantil y rudimentaria—y afirmando la convicción individual nacionalista, hoy desposeída de abnegación y de sacrificio, meramente utilitaria.

Y sin cultura, sin arte política y sin convicción arraigada, ¿es honrado hablar de superioridad, de hegemonía, de imperialismo?

Para mí, Cataluña sólo posee un carácter de superioridad sobre los demás pueblos hispanos: el sentimiento colectivo, el Alma Nacional, y es de los anhelos de esa alma nacional que yo espero las heroicas empresas, el estímulo de perfección y la esperanza en los resultados de su actuación política y social.

Cultura

A dolorosas consideraciones se prestaría un estudio severo del estado actual de la cultura catalana.

Si un espíritu hostil viniera á desentrañar la verdad de nuestro renacimiento nacional, depararía con la obra cultural artificiosa con que todos, inconcientes ó maliciosos, nos iludimos. Nuestra virtud tradicional de sinceridad, ha devenido fatuidad y petulancia—y aquí no se invoque, como sobre tantas otras cuestiones, la imperiosidad del hecho fatal de la evolución, la eterna mentira de la respuesta fleugmática: *evolucionamos*. La mayoría de nuestras notabilidades, los pseudo-génios, se han elevado merced del auto-bombo o de la adulación más descarada, por obra y gracia del Periodismo que ha hecho falsas reputaciones: las reputacio-

nes periodísticas, casi nunca hijas del propio talento y de las propias obras.

Escoged los de más relieve de la galería de "notables," cuyo nombre suena constantemente en nuestros oídos acompañado de campanudos ditirambos y ofusca nuestra vista con letras de proporciones desvergonzadas por las esquinas ó en los epígrafes de los diarios, probad de rodear de silencio esos nombres, dejadles, aún por corto tiempo, en el olvido y veréis como la notabilidad se desmorona, como se esfuma la celebridad, como se apaga el génio.

Es actual y cierta la sentencia de Séneca: „ á muchos hombres, la presunción de que son sabios les priva de serlo realmente„. Y con esta injusticia pregonamos nuestra superioridad, y, desmintiendo nuestra habitud práctica, nos ilusionamos con las jocosas metafísicas de imperialismo y de hegemonía, moderna petulancia, fase novocentista del tartarinismo, justificadora, para algunos, del improperio secular de quijotismo de que revestimos la modalidad social de los pueblos del centro hispano y á los cuales vamos á arrebatár el imperio espiritual de España.

Perdóneseme la severidad en gracia de la tristeza con que veo malograrse tantos ingenios. ¡Ay de los ídolos, si nuestra intelectualidad fuera debida y sériamente estudiada!

Lo malo es que, en nuestro afán de popularchería, somos nosotros mismos los auto-críticos dentro y fuera de Cataluña y á todos aquellos que se interesan por nuestras cosas les damos hecho y flamante el juicio, parcial, inseguro, orientado hacia una ú otra capillita según sea el pontífice ó los corifeos de uno ú otro cenáculo

el *cicerone* del extranjero. Cometemos maldad por fatuidad y por ignorancia, porque no hubo un Juvenal que mandara grabar en el frontispicio del templo de nuestro renacimiento, la leyenda sabia, el inflexible *Nosce te ipsum!* Y al precio de nuestra reputación vendemos las ajenas reputaciones, las de nuestros deudos, en equitativo pago de un igual y antiguo favor por ellos otorgado.

Yo sé de muchos que usan de una ilustración postiza, que aprovechan, inquietos, la oportunidad de aparecer eruditos; leen comiendo postres el articulejo de la revista *Tal ó Cual*, y aguardan impacientes la reunión de los amigos para verter aquellos perentorios conocimientos, sentando plaza de dómine... y cuidando de ocultar el origen de aquellos para que aparezcan fruto de la propia cosecha. Y así resultan eternamente contradictorios é indecisos. Constituyen la pléyade prolífica de nuestros Boulangers literarios, desafiando arrogantes las rachas del Oeste, dejando libres sus cabelleras á las caricias de las auras del Norte, ignorando el lenguaje redentor de las brisas mediterráneas, que son añoranzas de las austeras razas pobladoras del levante hispano.

Y nuestras vistas á Europa y nuestra europeización, ¿qué es sinó un espejuelo, una frase de afecto, otra consagrada frase novocentista disculpadora de críticas acerbadas y merecidas? La cultura europea que nos llega no es más selecta y abundante que la que se difunde por España toda. Los poquísimos compatriotas que viven en el extranjero, jóvenes á educar en los pensionatos ingleses, franceses, suizos y alemanes, ya por su edad ya por las exigencias de la

vida, poco aportan á la cultura colectiva y en su mayoría regresan con un deseo laudable de aplicar en su patria los conocimientos que adquirieron de ciencia mercantil, no con el instinto nobilísimo que impulsa el espíritu—por irresistible vocación á un apostolado político, científico ó artístico.

Algunos conozco yo que en un pupitre del Ateneo y á la vista de un Atlas ó del "Larouse," escriben sus impresiones de viaje, consultando un ejemplar atrasado del *Baedeker* ó del *Gotha*. Y los menos, que viajan, vuelven más deslumbrados que instruídos, enamorados de Francia, Suiza, Alemania é Inglaterra, países modelares que conocen al detall por la permanencia de un mes en las termas de Vichy, Interlaken, Carlsbad Valz ó Mariembad, para curar una afección de estómago ó de riñones.

Y reconociéndolo así, nuestras Corporaciones municipales y provinciales, con un muy laudable intuito establecieron pensiones, bolsas de viaje, á fin de sostener en el extranjero, particularmente en Alemania é Inglaterra, numerosos jóvenes estudiosos, ávidos de asimilarse los modernos avances de las ciencias sociales. Y nuestras entidades de cultura promueven la venida de los más grandes ingenios extranjeros para que aporten á nuestra cultura deficiente, el caudal de sus conocimientos especiales en el humano saber.

Yo he pasado en Portugal cinco años de estudio, con ánsias de provecho, y ¡cuánto ignoro aún de aquel país querido tan diminuto pero con tamaña alma nacional! Y después de cinco años de aplicación, sólo logré que aquellos hermanos de Lusitania me despidieran con año-

ranza—una mañana radiosa de Abril, aromosa de flor de almendro—con un vítor conmovedor que parecía abrazo fraternal y que tenía suavidades de ósculo de hermanos, un vítor sincero: ¡Viva Cataluña! Es decir, llegué á infiltrar en el alma de aquel pueblo el amor y el respeto á mi pueblo.

Y he permanecido largo tiempo en tierras castellanas y ni aun he podido intimar con Villaspesa, Diez Canedo ó Martinez Sierra que hoy andan ya fraternizando con muchos intelectuales de mi tierra; aquéllos cantando loas á Cataluña sin conocerla ni haberla siquiera visitado, éstos esperando ir á Madrid..... *cuando Cambó sea ministro.*

Si serenamente hiciéramos un exámen de conciencia y nos preguntáramos lo qué sabemos, yo vería muchos rostros, olímpicamente imperturbables hasta aquí, colorearse con el rubor de una vergüenza confesada.

Cultura adquirida pacientemente poca encontraríamos como sólida base mental de muchos consagrados. Creemos en la espontaneidad del ingenio, improvisamos la cultura individual con el fárrago de una ciencia de última hora, engullida á grandes sorbos, propinada sin método, cultura de revista, de periódico, de conversación petulante ó adulatora, sin aquella necesaria preparación preliminar que ni nos ofrecieron ni nos procuramos. El literato ó el artista entran en nuestro reducido medio intelectual con el diploma, con la patente extendidos per merced del golpecito del maestro á la espalda del neófito ó por la revelación panegirizada de un gacetillero.

¿Qué sabemos para enseñar á aquellos en

frente de los cuales pasamos como eminencias?

Poco, poquísimo. Como que hasta por ignorar mucho, ignoramos lo que somos.

Decidme ¿cuál es la cultura con que Cataluña ha influido en el movimiento cultural moderno? Porque es lícita la pregunta desde que queremos exigir á nuestras eminencias la razón de sus prestigios.

En nada. Somos ignorados porque la mentalidad catalana, á pesar de tan pregonada aquí, no ha logrado un aplauso del extranjero, contemporaneamente, en la actual época llamada de plenitud nacional. Es doloroso pero es cierto, y debemos decirnos la verdad por cruda que élla aparezca: no inutilicemos nuestro pueblo, embotando su preclara conciencia colectiva.

Yo no sé que en ningún ramo del humano saber se imponga la mentalidad catalana al respeto universal; no salimos aun de un largo período de ensayo. En ciencias sociales y políticas estamos á contribución del extranjero; en Economía somos buenos mercaderes y malos hacendistas; en Historia... ni aun la propia tenemos bien hecha; en Arte seguiremos á rémora de las escuelas francesa é inglesa; en Filosofía citamos á Balmes con menosprecio y de Nietzsche, Schopenhauer, Spencer, Carlyle y Ruskin aprendemos la pronunciación extranjera del nombre y basta; en Literatura imitamos á Verlaine y á Flaubert; en Jurisprudencia, con tener un Derecho monumental, ni dimos á Europa un comentario serio del mismo; nuestro Teatro es infantil; nuestra Crítica, parcialísima, comercia con el reclamo; nuestra Lengua, que es la suprema razón de nuestra existencia nacional, no está disciplinada; nuestra Industria es estacio-

naria; nuestro Comercio reducido... medroso.

Y, con todo, somos opulentos en celebridades. Somos irrespetuosos con las reputaciones ajenas y miramos con desdén la obra forastera sonriendo, no obstante, y apretando la mano del cándido autor ó del turista, y antes que éste pueda avaliar de nuestra real riqueza, nosotros les mostramos el fausto de nuestros oropeles.

Empero, aun así deficiente, el movimiento intelectual es aun más intenso y progresivo que en pueblo alguno de España, pues lo legitima y ennoblece un hermoso entusiasmo.

Lo peor es que vivimos en esa falsedad con un cierto sincero convencimiento y credulidad, que cuaja con nuestro carácter ponderado. Si fuéramos más humildes, con valer mucho más, repararíamos mejor en nuestros defectos y los enmendaríamos, pues dotes tiene el catalán para corregirse.

Nos quejamos de la incultura popular y no hacemos obra de cultura. Con lo poco que sabemos, bien orientados, firmes en nuestros ideales, podríamos administrar al pueblo solidísimos principios que alejarían su funesta ignorancia. Los hoy rodeados de prestigio, deberían apostolizar entre el pueblo, que no es desdoro llegarse al corazón y al cerebro del pobre para iluminarle con la verdad, no con disquisiciones metafísicas y muestras presuntuosas de erudición, sinó sin egoísmo de aplausos, con sencillas prelecciones, materias que con ser tan vulgares á veces son ignoradas de mucho pedante que por ahí anda con fueros de eminencia. No nos importe que el sabio se sonría de nuestra instrucción simplicísima, antes queramos que

nos bendiga el analfabeto sobre el cual derramamos la luz de la verdad.

Así conseguiremos conocernos, y cuando nos hayamos conocido, ponderando lo que somos y lo que podemos, pensemos en imperialismos ó resignémonos al modesto papel de colaboradores honrados y conscientes en la obra magna del revigoramamiento de la noble raza latina, quedando en nuestro respectivo lugar, digna pero modestamente convencidos de nuestro valor nacional.

Política catalana

La obra actual de reconstitución política, quiere parecerme excesiva para sobrellevarla con las menguadas fuerzas de Cataluña. La misma Solidaridad Catalana se me presenta un arma demasiado formidable para ser esgrimida por tan noveles guerreros.

Es, en efecto, Solidaridad, eclosión del sentimiento nacional catalán, la evidencia de una fé, de un entusiasmo, de un patriotismo: patriotismo que es la demostración única, pero admirable, de nuestra superioridad sobre Castilla.

Esta superioridad es justa, ponderable, no es obra de la prensa, no es un prestigio mercenario: es fruto de realidad, un algo vivo muy intenso: una patria. En cambio, Castilla es un pueblo sin fe, sin sentimiento nacional, sin entusiasmo y sin patriotismo; por esto todo allá deviene exageración é inconsecuencia. Y me duele que así sea, pues si Castilla—é inclúyase en este nombre el espíritu de todos los pueblos de la España-castellana—si Castilla, repito, tuviera vivo su sentimiento nacional, fácilmente

nos hubiera reconocido hermanos, se hubiera explicado nuestro paroxismo autonomista y lo hubiera atendido. Ahora, cree en nuestro nacionalismo, pero lo considera fruto de injusticia; ve nuestra personalidad pero la niega beligerancia. Y, apesar de éllo, cree en la existencia del problema vivo, porque detrás de las abstracciones de nuestras propagandas, descubre los latidos del alma nacional, y esto la irrita.

Confirmando.

Los corifeos del federalismo, podrán incluir en sus doctrinas los más radicales extremos autonomistas sin levantar una protesta sincera del pueblo español. En cambio, nuestras palabras, por inofensivas que parezcan le hieren, le sublevan: es que éllas son eco de algo que vive, de una realidad, no son hijas de una abstracción, no son un sistema: son un sentimiento. Esa es, repito, nuestra superioridad: la existencia de una propia biología nacional, la fé en el presente, la esperanza en el porvenir, pues mi alma aunque apesadumbrada está llena de optimismos. Nosotros somos creyentes, éellos escépticos; nosotros patriotas, éellos fatalistas, ya que sin sentimiento nacional, han tenido que inventar un patriotismo.

Pero esto no afirma una inferioridad política, una carencia de estadistas, una inhabilidad en el arte político de la gobernación del Estado: indica, en último caso, el error en patrocinar un procedimiento que no arranca de las exigencias nacionales, pero nunca ineptitud en los gobernantes, que podrán ser unos hábiles políticos con cuanto sean unos malos patriotas.

Ridícula resulta la opinión que muchos tienen de los hombres públicos españoles, á los que

consideran verdaderas nulidades y que, comparados á nuestros políticos, son poco menos que pigmeos despreciables. Y así juzgan muchos, porque así se les ha imbuído.

Nosotros creíamos conocer nuestros hombres públicos y estábamos satisfechos de sus cualidades; pero ahora resulta que han ultrapasado la opinión que nos merecían, y aquellos patriotas modestos van adquiriendo relieve de héroe, apareciendo como verdaderos fenómenos, rodeados de una aureola sofocante de incienso, prestigiosos, vencedores en luchas cruentísimas de aquellos expertos campeones del centralismo español, que han tenido que pedir clemencia ante el brío, aquí y allí, desplegado pródigamente.

No. No es posible que Cataluña, improvisadora, en tantos órdenes de su vida, de una cultura más ó menos nacional, haya improvisado estadistas, polemistas, gentes que del mitin ó del Ateneo pasan, con rara suficiencia, á solucionar las graves cuestiones de Estado, desde un escaño parlamentario ó desde las columnas de un periódico, gentes aptas para todo, no digo ya para ocupar un ministerio—lugar aquí asequible á muy medianas inteligencias—sinó árbitros de un Parlamento, orientadores de una política y definidores de sistemas incontrovertibles é incontrovertidos.

La política es un arte, y un pueblo como el catalán, acostumbrado a ser gobernado, alejado secularmente de la política española, no puede erigirse por manera espontánea y empírica, en pueblo de estadistas: nos falta el aprendizaje y el temperamento. El Parlamento español, dirigido por habilísimos políticos, hom-

bres de superior cultura, muy avezados á las argucias de gabinete y á las sutilidades constitucionales, no está á merced de hombres con un gran ideal patriótico—eso sí—pero de ingenua arte política, con más honradez que habilidad. Y así me esplico yo que hombres dirigidos por un firme criterio de sagacidad parlamentaria como Cambó se erijan, con justicia, en portavoz de una minoría poderosa como la solidaria.

Y con ser eso evidente, nos alegran todos los días las triunfales notas de nuestra prensa cantando victorias estruendosas. Y todo es exageración censurable. Debemos hacer justa nuestra opinión desviada y pedir estrecha cuenta á aquellos que nos iluden sin cuidarse de los venideros y fatales desengaños. Ni todos los políticos centralistas son ignorantes, ni todos son malvados. No. Lo que hace funesta la labor de los políticos centralistas no es la maldad subjetiva: es el sistema, es el ambiente mefítico del burocratismo, concitador de odios y egoísmos y sobre todo su aislamiento, su distancia-ción de la opinión, la falta de ambiente popular genuinamente español. He aquí porque nosotros queremos purificar el sistema, ensayando otros procedimientos, encarnando otros ideales. Porque Cataluña no puede adaptarse al centralismo, su carácter, su biología nacional le imprimen otro rumbo político, pero éso no empece que contemporicemos con lo que hoy por hoy es irreductible: á nuestra actuación presente, seguirá, si nos conducimos diestramente, la acción más avanzada de los que nos sustituyan. Y en eso estriba precisamente la superioridad del pueblo catalán sobre los demás pueblos españoles, en eso, en la secular

inadaptación de su carácter á las extrañas tiranías, en la resistencia de su cultura á la absorción de otra cultura forastera y á la tenacidad en mantener, á través de los siglos, los atributos de su gloriosa alma nacional: raza, territorio y lengua.

Ahora, de la excelsitud de esos elementos querer deducir plenitud de vida nacional, cosa es insensata y perniciosa. La labor parlamentaria del Catalanismo, poco ha realizado de positivo; ha engreído nuestras multitudes aduladas con los sonos de las trompetas de la fama que soplan cuatro tartarinescos noticiaristas, inutilizándolas después con la crudeza de la verdad que se ha impuesto á bombos y á diti-rambos, deviniendo escépticas en definitiva. No todo han sido triunfos y éxitos; y aún siéndolo, no creo que fuera éste el anhelo del pueblo catalán, satisfaciéndose solo con media docena de hueras y brillantes improvisaciones parlamentarias. La palabra de nuestros representantes es temida porque es eco fiel de un algo muy hondo y muy vivo:—el alma de un pueblo - que se les impone. Por lo demás, ¿que pasaría si algún día alguien increpara á nuestros representantes y les dijera:—Acabad con vuestros doctrinarismos, abstracciones y metafísicas: dejad las teorías del nacionalismo, regionalismo y descentralización: también nosotros conocemos Taine: hace 25 años que le estudiamos en el Ateneo de Madrid: vengan vuestras soluciones prácticas traducidas en proyectos de ley concretos: bajad á la realidad y gobernad?—

Yo creo que se desharían como el humo nuestras aspiraciones de imperialismo, hegemonía

y dictadura espiritual. O sinó, decidme: ¿aquéllos que en el Parlamento iban de triunfo en triunfo, se atreverían á hablar—ya no fijo tema—en una cámara francesa ó inglesa? Ya sé que hoy no intervenimos en la política española desde el banco azul, pero día vendrá—si no ma·logramos la actual excelente orientación gubernamental, hija de un laudable oportunismo positivo—en que aún alejados de aquel banco, impondremos en la obra legislativa nuestro criterio; y la gran responsabilidad futura exige que nos percatemos de nuestro propio valor y nos elevemos en sabiduría y senso político.

De mis negras desconfianzas, exulta en mí un gran convencimiento optimista del porvenir que nos aguarda.

Y señal victoriosa de esperanza en el porvenir del pueblo catalán es su febril actividad presente, la fé en esperarlo todo de sí mismo, por esto clama por su autonomía nacional, contrariamente de los demás pueblos españoles que todo lo fían de la acción del Estado, de ahí su conformidad y pasivismo ante la obra tiránica del centralismo administrativo. Esa es la insigne diferencia que se entrevé en los procesos biológicos de los pueblos de sávia castellana y los pueblos de sávia catalana; el pesimismo, el fatalismo en los primeros, divinizadores del Estado en una carencia absoluta de acción individualista, y el optimismo y la creencia en los segundos santificando el poder de la colectividad, suma de acometedores anhelos individuales.

Pero no saquemos consecuencias fortuítas de nuestro presente, ni nos iludamos con falsas realidades.

Aun no conseguimos libertarnos de la rémora

de una educación atrasada y de una instrucción indisciplinada—impuestas por la nefasta orientación pedagógica del centralismo atrofiador del Estado—y no buscamos con la debida fé y con todo el amor la serenidad mental y moral para encauzar el proceso vital y progresivo del movimiento nacional sometido á un seguro criterio científico. No hemos disciplinado nuestras inteligencias para llegar al conocimiento concreto de los fenómenos sociales y de sus leyes. Siendo arbitrarios é intolerantes, esterilizaremos nuestra acción constituyendo un elemento perturbador y muchas veces regresivo. Siendo lógicos y criteriosos, marcharemos armoniosamente en la progresión general. No procuramos encontrar en nuestra acción colectiva un criterio científico y racional, siempre entusiasmados con idealizaciones osadas y preconcep-tos soñadores, facilmente patrocinados por no requerir gran suma de trabajo y esfuerzo de inteligencia. Queriendo alardear de avanzados, renegamos de los antiguos ideales, cuando toda nuestra obra presente debía ser rectificarlos, perfeccionarlos. En un prurito de notoriedad pedantesca, tuvimos la pretensión de crear sistemas ó imponer originalidades, cuando la misma falta de criterio filosófico nos lo impide, ni la conciencia de la propia fuerza nos lo concede. Por lo demás, es verdadera la lapidaria frase de Vauvenargues: “Es bien más fácil decir cosas nuevas que conciliar las que ya fueron dichas,,.

Por otra parte, Cataluña se resiente de la gran indisciplinación mental y de la profunda indecisión activa que caracteriza la época presente y nuestros hombres no se hallan con aptitud de

definidores, formados en un medio que carece de regular sistematización consciente y científica de la pedagogía. Lanzados en la vida común, en el *struggle for life* darwiniano, su conciencia moral adulteróse, porque, faltos de orientación trataron de adaptarse al medio, no llevados de un criterio científico, sino solo por un egoísmo desbocado, adulterando así el sentido del oportunismo positivo.

Contemplad la labor que caracteriza ciertos hombres del Catalanismo y observaréis en éllo la carencia de norma, de orientación, lo que sucede en aquellos hombres á los que falta una disciplina mental que los superiorice y un criterio positivo que los oriente. Si en ellos falta la inteligencia, nada producen á no ser la banalidad irritante y muchas veces irritada: continuo y desorientado patalear. Y cuando tienen inteligencia, ó producen una obra apenas negativa ó una obra fragmentada que puede quedar como documento momentáneo, nunca grandioso y estable.

El espíritu filosófico nacional no ha dirigido el Catalanismo; y así no es éste una alta, generalizada y consciente aspiración nacionalista, ni un integralismo científico marcando una revolución en el pensamiento político español. Y tan verdadera es esa desorientación mental, que vemos hoy sentar plaza de autonomistas á hombres que preconizaban ayer las falsas teorías de las grandes nacionalidades, soñaban con el cesarismo ó propagaban las utopías del cosmopolitismo político. Y en Arte, como en política: la vida mental catalana es rudimentaria; privan las corrientes demoledoras, poquísimos hacen obra positiva, y el que la intenta es luego til-

dado de desertor. Escritores sometidos á la gran disciplina mental de la talla de los Milá y Fontanals, Ixart, Aguiló, verdaderos espíritus tradicionalistas, no han hallado continuadores en esa turba multa, indisciplinada, amorfa, de especialistas que ora han monopolizado la crítica que ejercen según colores políticos, relaciones personales ó dádivas mezquinas, ora suministran á nuestra generación páginas aisladas, aspectos someros de la vida, un estilo literario, pura forma, simple manosear de vocablos, sin un principio filosófico que los ligue ó una idea moral que los unifique.

A esta causa débese el que nuestra llamada clase intelectual, extraviada por una ignorancia profunda, ande vestida con un tinte científico de palabrotas huecas y teorías dudosas. Y así, el analfabetismo no se ciñe sólo á aquellos que no saben soletrar una palabra, sinó que se extiende á los que no saben crear ó formular un criterio propio. Hay analfabetos en los campos y en las montañas, pero los hay también en gran número en las escuelas, desde la más modesta escuela primaria al primer establecimiento docente del país. Y así vamos á una represión estupenda, viendo que no hay quien sustituya los grandes hombres que poseímos y que se afirmaron á costa de un esfuerzo propio inaudito, y ese esfuerzo va fallando cada vez más en las generaciones posteriores. Culpa crasísima de esa falta de interés general la tiene la monopolización de la enseñanza por parte del Estado, anacrónica, estúpida, cuando precisamente las tendencias de la moderna pedagogía van acompañando en un paralelismo cierto las

tendencias de los demás fenómenos políticos, sociales y morales—caminando abiertamente, fundamentadas en claros principios científicos, hacia una descentralización y una individualización cada vez más declaradas.

Recapitulando: en Política, reina aun el empirismo grosero, la cobardía ante el número; en Arte carecemos de base científica, ilusionados en tontas ingenuidades.

Nuestra sociedad arrastra el nefando lastre de siglos de centralismo atrofiador y por esto se conserva apática—digan lo que quieran los panegiristas de la Solidaridad, instrumento de lucha, hijo de un sentimiento nacional colectivista, de optimismo, no revelación de improvisado progreso social—ante los fenómenos políticos y ajena, por incompetencia, á los fenómenos científicos. Vivimos en una crisis mental extraordinaria en la que nadie sabe donde quiere ir, pero donde todos quieren tener opinión.

El oportunismo adulterado sirve de guía á muchos que se arrodillan para ver quien llega primero á aquél que les dá el zapato á besar ó el triunfo de las ambiciones á satisfacer. La educación no acompaña entre nosotros á la instrucción, por eso se da el hecho frecuente de hallar hombres de ciencia y aun políticos—que por su posición deberían poseer dón de gentes en alto grado—con flaquezas deplorables de carácter.

La falta de método científico hace que la enseñanza superior se caracterice por un humanismo retrógrado; la universitaria, por una desenfrenada metafísica y por una asimilación de compromiso—la suficiente para aprobar, la

insuficiente para saber—y la primaria, por la irracional tiranía de una lengua y un profesorado forasteros; contribuyendo á la preponderancia del espíritu de detalle sobre el espíritu de conjunto, aumentando los especialistas sin noción enciclopédica de los acontecimientos, de donde se infiere una inferioridad mental y una desharmonía entre las manifestaciones especulativas, afectivas y activas. Y de ahí salen los prestigios huecos de esos hombres que Stuart Mill llama *pedantócratas*. El espíritu de detalle origina la entronización de los nullos que se arrogan superioridades, con solo adquirir un caudal restricto de conocimientos especiales.

En Política, sobre todo, nuestra acción ha sido exclusivamente demoledora. Combatiendo sólo los errores y los crímenes del Estado centralista, combatiendo sólo los errores y los crímenes de los hombres del Régimen, el Catalanismo ha visto la ola de sus partidarios crecer más á costa de los descontentos que por aquellos adeptos conscientes de la doctrina. Dando á veces una importancia excesiva á la simple organización electoral, atrincherándose otras tras de irreductibilidades y conspiraciones platónicas de club, el Catalanismo político ha descuidado lo esencial de la construcción del sentimiento de la Autonomía, ora por la exposición y debate de los principios fundamentales de la doctrina, ora por la adaptación de la energía cívica á la energía doméstica. Los principios fundamentales de su excelente programa, son desconocidos de la mayor parte de los combatientes autonomistas y no sirven, como sería lógico y deseable, para una honda transformación del pueblo catalán, de puntos de contro-

versia, de motivos para conferencias elucidativas y opúsculos de propeganda. Y así, para mucha gente, el régimen autonómico es mejor que el centralista... sólo porque no lo puede haber peor. El pueblo catalán no tiene el conocimiento concreto de las bases del régimen autonomista, ni de sus cualidades progresivas, ni de sus defectos modificables ó inevitables, ni tampoco de su espíritu sociológico cuyo conocimiento es absolutamente indispensable, ya para los que pretenden defenderlo siempre, ya para los que intentan combatirlo. He aquí porque á nombre de la Autonomía se perpetran los más insufribles abusos. No existe—es un crimen negarlo—la completa integración en los principios autonomistas de manera á producirse la armonía más clara entre los sentimientos, los pensamientos y las acciones. De aquí la no adaptación de la energía cívica á la energía doméstica; de aquí el profundo antagonismo entre la vida particular y la vida pública de los hombres—muchos son irreductibles catalanistas, eso sin defecto de hablar castellano en casa y en la peña de amigos ateneistas ó de redactar sus cartas en la lengua del *tirano* y negociar por mediación de la misma. Contradicción absurda: si los hombres del Centralismo se han caracterizado por la falta de seriedad política, teniendo muchos, en compensación, la seriedad doméstica, el Catalanismo manifiéstase con una conducta política irrepreensible, en general, faltándole esta cualidad en la vida doméstica. Ahora bien, la distinción entre la función y la persona, es una distinción metafísica que sirvió apenas para hasta cierto punto justificar la actitud de muchos ante los oligarcas

del centralismo. Pero ni debe admitirse, ni debe atenderse. El hombre honrado lo es en sus funciones públicas y en sus más sencillos actos particulares. La preponderancia cuasi exclusiva de la metafísica revolucionaria y del sentimentalismo patriótico, no ha dejado al Catalanismo interesarse por sus deberes constructivos y dando al pueblo la libertad de preocuparse de sus derechos, creó una multitud incolora, dispersiva, desorientada y flaca. Lo que le sobra en fuerza física, fáltale en fuerza moral. Esto — estoy cierto de éllo — será un momento patológico pasajero en la vida nacional catalana y en mis optimismos, entreveo una multitud disciplinada de espíritu y de sentimiento: esa multitud triunfará. Digamos á aquellos que ven en nuestro movimiento una resurrección económica, que existe una mayor labor á realizar, de impreterible antecedencia: la afirmación científica de nuestra política, la remodelación absoluta de nuestro carácter moral. Y á aquellos que quieran hallar en mis conceptos motivos de vituperio para mi Patria, les digo que de nuestras desgracias ellos, los corifeos del Centralismo del Estado español allá y los desviados patriotas aquí son los únicos culpables y que nuestro atraso, con ser muy grande, tiene sobre el atraso contumaz y crónico de los demás pueblos españoles, la victoriosa virtualidad de nuestra raza, y sobre todo la fuerza virgen del patriotismo del pueblo catalán.

Convicción nacionalista

La Solidaridad Catalana no es otra cosa que la resultante, la concreción del sentimiento na-

cionalista; es la coincidencia, para una acción política unánime, de los patriotismos individuales en una eclosión de patriotismo nacional; y nada más.

No es fruto de natural advenimiento, ni de madurez, ni de talento: es obra de sagacidad porque es oportuna. De realizarse en otra época, bajo un gobierno que no fuera el de Maura, sin esa oportunidad, el movimiento catalán no hubiera quizás pasado de un admirable y visible platonismo. La oportunidad le da fuerza y le permite desarrollarse. Todos los elementos de la sociedad catalana, han coincidido dentro del nacionalismo, por esto la Solidaridad se me revela el símil tangible de aquel cuerpo de doctrina que juntó Prat de la Riba en su *Nacionalitat Catalana*. En esta convicción nacionalista —participada con mayor ó menor conciencia y entusiasmo— está toda nuestra fuerza, toda nuestra superioridad política; es un sentimiento victorioso puesto que nunca podrá ser contrastado por otro sentimiento hostil, ya que otro no existe con vitalidad aparente en España.

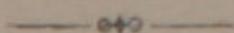
Pero en nuestro Nacionalismo existe un sedimento culpable de grosero egoismo, egoismo que debilita la acción y desarraiga las convicciones, rebosantes de inquietudes y desengaños. Solidemos esa convicción, eduquemos ese sentimiento, orientemos ese patriotismo, pues es preciso repetirlo: no todos los catalanes sienten consciente é intensamente su ideal. Digo más: Si Cataluña hubiera presentido advenir de su revuelta un penoso ciclo de vejaciones y quebrantos —como una Irlanda, una Polonia, una Hungría— el egoismo nos hubiera acallado la ira santa y hubiéramos sufrido la tiranía ominosa.

sa con solo la protesta geremiaca de los poetas..... en tanto hubieran miserablemente, pero en sosiego, rodado nuestras fábricas y se hubiera desarrollado debilmente nuestro comercio.

Entiendo, por esta causa, que la mayor obra patriótica que nos es dado realizar está en la Escuela, formando sólidamente la generación que crece, incutiendo la bondad y fortaleza; está en destruir la actual petulancia, en desvendar al pueblo, sin aguardar la ajena crítica, parcial y artera, la verdad de nuestra existencia nacional, para alentarle la fé en el futuro, templar su patriotismo, levantando su nivel intelectual, esparcir y proclamar, en siembra fecunda, por esta tierra noble de Cataluña, la eficacia de las virtudes que son la Verdad, el Deber y la Justicia.

FIN

ÍNDICE



	<u>Págs.</u>
PREFACIO	7
La Sección Portuguesa en la V Exposición Inter- nacional de Arte de Barcelona	19
Mi misión en Portugal	47
Fraternidad ibérica.	62
La educación de los pueblos peninsulares	130
Nueva orientación sobre el futuro económico de los pueblos de la Península	152
El arte peninsular	170
Altas palabras	178
Reseña de un viaje á Portugal.	190
Falsa plenitud	199

